

QUANDO O AMOR MORREU

Denis Pereira dos Reis Senna⁹

No dia em que o amor morreu, as liquidações de afeto nos supermercados explodiram como bombas nada sutis nem silenciosas; mesmo assim ninguém comprava, e os estoques acabaram, estragaram.

No dia em que o amor morreu, eu estava diante do meu homem, aguardando a entrega de uma rosa vermelha escondida em suas costas. Mas nesse dia, justamente nesse dia, o amor morreu, e eu não ganhei a rosa que seria a minha primeira. Nesse caso ela não foi nem a primeira e nem a última. Eu morri sem ganhar uma única flor, porque no dia em que eu iria, o amor morreu.

O anuncio da morte do amor foi cheio de pânico, pois as igrejas pregavam que o amor de deus era incondicional e para todos, mas em suas escadarias aglomeravam-se pessoas sedentas por esse amor prometido a todos, barradas em sua entrada, proibidas de tocar ou de sequer ver esse amor. Eu estava ali junto dessas pessoas, tentando ver entre os portões fechados daquela igreja um relance daquele de amor, mas só conseguia ver olhos assustados que diziam que éramos criaturas pecadoras que, para receber o amor, precisávamos primeiramente nos redimir diante dos olhos de deus.

O amor tinha realmente morrido, porque até Deus continha as poucas quantidades que tinha apenas para aqueles que estavam escondidos entre as quatro paredes da igreja. Ele, que era O DEUS, estava fraco. Que tipo de deus deixa o amor no mundo acabar?

Vi pessoas que se matavam pela falta de amor. Vi grupos buscando amor em orgias, pois contato era amor, diziam. Vi overdoses diante dos meus olhos porque um rapaz injetou em si alguma coisa que venderam pra ele. No rótulo estava escrito "amor".

Quando vi que riam das mortes de outros seres humanos, percebi que o amor realmente havia acabado. Quanto vi uma mulher ser arrastada pelos cabelos e estuprada por 4 homens e não me mexi, tive a certeza que o amor tinha morrido, porque senti ele saindo de mim pelos olhos. O amor e aquela mulher, ambos mortos.

Por que o amor havia morrido? O que o havia matado? Acho que foram os homens, esses seres estúpidos e insensíveis, que cospem o ódio por aí.

⁹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; *e-mail*: denis_psenna@hotmail.com.

Na TV eu via a ausência do amor, e o que se erguia para tomar o trono do amor, o trono do sentimento mais forte, era o medo. O medo se sentara naquele trono pomposo usando uma máscara patriota, dizendo palavras reconfortantes, assegurando segurança. O medo assentou-se ali e não tinha intenção de sair tão cedo, já que o amor tinha morrido.

Quando meu amor disse que não era mais possível que continuássemos juntos, eu queria que o amor voltasse, mas ele estava morto. Ele me disse entre lágrimas contidas que era muito perigoso. Tentei alcançar ele com meus dedos, mas a voz do medo estava em toda parte, os olhos do medo eram os olhos das pessoas que nos causavam medo.

Quando voltei a morar com a minha mãe no interior da capital, vi que o medo tinha uma sombra: o ódio. Ele se escondia, cauteloso atrás das vestes do medo, mas tinha um olhar estranho, frio, inumano. Eu o via na TV, o medo; o via também no dia-a-dia, com as frases ditas com naturalidade e sem o politicamente correto.

Quando o medo deu as mãos para o ódio e juntos anunciaram uma aliança aberta, eu senti medo. Eu não entendia no que aquilo tudo iria dar, mas não conseguia fazer nada para tentar evitar.

Recebi uma ligação, e atendi com medo. A voz do outro lado era a do meu amor. Meu ex amor, que eu ainda amava. Ele disse só algumas palavras que fizeram meu coração cair. Ele disse “te amo”, e desligou. Ele havia morrido, eu sabia. Maldito, cursava história, sabia do passado, era inteligente; não conseguia ficar quieto. Havia sido morto por seu ímpeto humanitário, e agora eu estava sozinho e com medo. Meu amor morrera, também.

Eu tremia de medo ao acordar, ao fazer o meu almoço ouvindo Cássia Eller. Tremia de medo ao trocar a sonda de mamãe, e tinha medo quando ela segurava minha mão com força e balbuciava fracamente que tinha medo por mim.

O medo era tanto e tão forte que mesmo quando fomos chamados para a luta, eu não consegui me mover, não consegui erguer um dedo sequer. E com medo, e pavor, com choque e incredulidade, vi a chacina da frente que se opôs ao medo.

Foram massacrados pelo ódio, e as imagens vermelhas ainda me dão medo.

Mamãe morreu tremendo de medo, com lágrimas nos olhos. Ela não queria ir e me deixar só, ela não queria soltar minhas mãos nem depois do último suspiro cheio de medo. No seu enterro, joguei para ela uma flor amarela.

O Congresso Nacional do Medo se efetivou, e o medo de mamãe se tornou real.

Invadiram minha casa numa tarde, e nem me disseram o que estava acontecendo. Usavam as cores que aprendi serem as da bandeira, mas não havia ordem em seus movimentos. Na verdade havia sim, mas uma ordem superior.

O medo havia cedido seu lugar no trono ao ódio, que se sentava agora ali, nada contido. Na verdade ele raramente se sentava: sempre o via erguido, berrando, com os olhos inflamados.

Quando fecharam a porta, eu estava com medo. Estava quase nu e com medo, despido de todo o falecido amor de antes, machucado pelo ódio. E finalmente eu orei para que o fim do amor fosse um pesadelo. Orei como nunca, até meus joelhos sangrarem, mas nem isso ajudou. Só então lembrei que o deus cheio de amor estava sem amor, pois ele havia morrido.

Se não restava mais amor, o que me restava então? Tremi e recordei: o medo. Agarrei-me forte a ele, encolhi-me no canto, e definhei.

Morri de medo.